



DONA VALDA QUE NÃO PARA QUIETA:

A ANCESTRALIDADE NO TEMPO PRESENTE, PASSADO E FUTURO

MARIANA CAROLINE PEREIRA FERREIRA ¹

DANILO CÉSAR SOUZA PINTO²

RESUMO

O propósito deste relato de experiência é descrever todo o processo de pesquisa e escrita do Cordel sobre a história de vida de Dona Valda, minha Vó e, de como este momento nos fez refletir sobre muitas questões de sua infância, sua ancestralidade, e o reconhecimento enquanto Matriarca da família, a partir da perspectiva teórica de autores como Leda Maria Martins, Teresa Manjete, Edeise Gomes, entre outras. A primeira parte do título “Dona Valda que não para quieta” surgiu durante os dias de pesquisa e, devido estar inserida totalmente a sua rotina, percebi, ainda mais, que Dona Valda não sentava ou parava um momento para contar as suas histórias. Elas eram contadas ao varrer de um terreiro, ao mexer de uma panela ou uma costura de um retalho. Trago algumas reflexões acerca do distanciamento que ainda existe entre a universidade e a comunidade e de como isso pode impactar ou impedir que pessoas, como Dona Valda, pensem que suas histórias não sejam relevantes o suficiente para estarem inseridas neste âmbito.

Palavras-chave: Ancestralidade, Memória, Cordel.

“MAS EU NEM TENHO HISTÓRIA”

Em 2017, quando ainda estava cursando Licenciatura em Teatro, surgiu

¹ Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade, pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, UESB - Jequié- BA. E-mail: eni.mary.lorac@gmail.com

² Prof. Dr. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié-BA, Coordenador do Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. E-mail: danilosouzap@uesb.edu.br



uma atividade solicitada pela disciplina Antropologia Cultural, ministrada pela Prof^a Dr^a Luanda Silva, em contar uma história de cunho antropológico. Ainda na época não compreendia muito sobre o que seria este relato e, com pouca propriedade, sobre antropologia. Bem, pensei em contar a história de algumas senhoras onde eu dava oficina de música, pois sempre tinha muito carinho e cuidado em ouvir seus causos sobre suas caminhadas até o momento presente. Mas havia um desejo muito grande em escrever algo sobre minha Vó e conhecer mais sobre essa pessoa que sempre esteve presente na vida de muita gente.

Quando realizei o convite para Dona Valda contar suas histórias de vida, ela disse: *“Mas eu nem tenho história pra contar pra esse povo, minha fia”*. Ainda que de forma indireta percebi, em sua fala, que existia um pequeno bloqueio em descrever seus causos para “esse povo”, no caso, as pessoas da universidade. Algo que, para ela, era só coisa de gente inteligente, culta, ou, em sua linguagem, “povo bem visto”. Para Dona Valda, naquele momento, suas histórias não seriam relevantes para serem apresentadas em uma universidade pública. É muito difícil ouvir isso, pois, depois de um tempo, quando desenvolvemos mais maturidade, percebemos o quão distante ainda é a universidade da comunidade. E ver isso na minha Vó foi doloroso, pois ela foi uma das primeiras pessoas a apoiar minha decisão em fazer Licenciatura em Teatro em Jequié. Então, porque a mulher que sempre esteve presente em minhas caminhadas não estaria comigo, também, na universidade?

Depois de muito labutar e conversar com Dona Valda, ela decidiu contar, do seu modo, suas encruzilhadas de vida. Enquanto pesquisadora ansiava por escrever sobre Dona Valda, enquanto neta, me via cada vez mais potente por tê-la como minha ancestral.

Hoje, em 2023, ela compreende o quão potente é para muitas pessoas que estão à sua volta e, muitas, que nunca a viram pessoalmente. Através de Dona Valda, consegui levá-la para muitos lugares deste Brasil, pois os seus causos viraram cordel, com direito a publicação de livro, minidocumentário



apresentado na Chapada Diamantina e muitas participações de maneira indiretas(fotografias) em oficinas sobre ancestralidade Então, escrever este relato de experiência é mais uma maneira de gritar em palavras para este mundo o quanto Dona Valda, que não para quieta “inté” hoje, é uma potência ancestral a vida de todas as pessoas que cruzam os seus caminhos.



Foto 1: minidocumentário apresentado no projeto Escola Livre de Audiovisual (ELA), pela Universidade do estado da Bahia -UNEB, campus Seabra, 2021.

Ressalto, também que neste relato de experiência, trarei algumas reflexões acerca da Ancestralidade e contação de causos de Dona Valda, minha Ancestre ainda em vida, de acordo com pensamento da Leda Maria Martins (2021), onde comenta em seu livro “Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela” que “o tempo ancestral não se contém nos limites de uma linearidade progressiva, em direção a um fim e a um páthos inexauríveis, e nem se modula em círculos centrípetos fechados de repetições do mesmo”. (MARTINS, LEDA; p. 206)

Também trarei contribuições a partir do olhar ancestral das autoras Teresa Manjate (2023), Edeise Gomes (2016) que também defendem a ideia de sermos seres ancestrais constituídas pelo ontem, o hoje, e, também, o amanhã.



DONA VALDA QUE NÃO PARA QUIETA: A ANCESTRALIDADE NO TEMPO PRESENTE, PASSADO E FUTURO

Para escrever sobre Dona Valda não poderia apenas ir alguns minutos em sua casa, realizar a coleta de dados e ir embora. Não faria sentido com o objetivo que estava ali: conhecer esta mulher para além do âmbito materno. Então, estar imersa em sua rotina, já que ela, como já diz no título, não parava quieta um instante, foi uma das opções para prosseguir com a pesquisa e aprofundar-me de suas memórias.

Valdivina Rosa Ribeiro Pereira, ou como prefere ser chamada, Dona Valda, nascida no dia 13 de dezembro de 1951, mesmo dia da Santa Luzia. Que já foi algo que ela mesma questionou com tom humorístico: *“minha mãe poderia ter colocado meu nome Luzia por mode a Santa. Não gosto de Valdivina. Ô nome fei (...)*”. Dona Valda é filha de Ana Rosa Ribeiro e Manoel Ribeiro da Silva, nascida na zona rural chamada Fazenda Baixa Escura, que fica localizada próximo da cidade onde ainda reside (Brumado-BA).

Lá na fazenda onde nasci
Era chamada de baixa escura
Não sei o porquê do nome,
Mas se sabe quando procura
O lugar era fei demais
Sorte minha nascer e ser essa belezura
(Trecho do cordel -Teneba Raíz, 2021)

Dona Valda começou a trabalhar na roça desde muito pequena. Plantava milho, feijão e algodão para seu próprio sustento e de sua família. Em um determinado momento de seus causos Dona Valda começou contar que tinha um sonho que ela não pôde realizar, perguntei-a qual seria este sonho e ela respondeu:

Meu sonho era ir a escola, sabe? Mas sempre meu pai não deixava eu ir. Mas aí teve um dia que comecei ir escondido pra escola, estudei trinta dias certin, pois pai descobriu e me tirou de lá. Disse que era pra eu continuar trabaiano na roça, como ele era muito brabo, nunca mais voltei pra lá. Mas aprendi a ler e escrever e não me arrependo de ter ido não” (Dona Valda, 2017).



Esse foi mais um momento em que consegui compreender, ainda melhor, o porquê Dona Valda gostaria de se distanciar destes lugares como a universidade. Em sua percepção uma pessoa com poucos estudos não pode estar inserida nestes espaços. Com este relato sobre seu pai me provocou um sentimento de revolta, devido a cultura machista enraizada, afinal, a voz da casa era sempre a de seu pai. Mesmo que sua mãe Ana ainda a ajudasse a ir escondida para escola, ambas viviam com o medo de Manoel, seu pai, descobrir e fazer algo com as duas.

Em praticamente todos seus causos Dona Valda relatava o medo que tinha pelo seu pai, pois contrariá-lo era como ela dizia “*jogar pedra na cruz*”. Ela relatou que apanhava muito de seu pai por motivos banais, pois a maneira que ele imaginava de uma boa educação era através da violência. Enquanto ela contava e realizava seus afazeres da casa, sua voz sempre mudava a tonalidade quando descrevia estes momentos de sofrimento com seu genitor. São dores que por muitos anos acompanhou Dona Valda. A partir deste momento as coisas começaram a fazer sentido.

A sua dificuldade em receber afeto, de receber um elogio pelo seu trabalho como costureira, e a reprodução machista pela qual foi criada durante toda sua vida. Então já tiveram alguns momentos de conflito quando eu, minha Mãe e minha Tia a questionavam o porquê só as mulheres deveriam estar naquele lugar de servir os homens da casa. Essas pequenas discussões era uma maneira da gente falar que ela é a nossa referência ancestral, e que não deveria mais estar neste lugar de servir os homens, e, principalmente, que sua presença em qualquer lugar é de uma importância inenarrável.

Antes de conhecer Leda Maria Martins tinha uma vertente sobre a ancestralidade ligada somente ao passado. Acreditava que ela não estava inserida em minha vida no presente, na escola poucas vezes foi citada e explicada de maneira profunda pelas professoras ou professores. A pergunta era – “O que vocês entendem sobre ancestralidade?” E as respostas sempre



genéricas – “Nossos antepassados” – “aquele povo que vieram antes de nós, pró?” [...] Quando começo a compreender que minha ancestralidade é constituída pelo meu presente, passado, futuro começo a refletir de como somos sementes que podem ser plantadas independente do tempo, como Leda pontua:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia e instâncias compostas de presente, passado e futuro (MARTINS, 2021, p. 204)

A ancestralidade em minha percepção é um ciclo que não ousa a se findar, e a partir desta lógica trago como exemplo o Samba de Pareia³ – as sambistas somos nós, nos apresentando para a sociedade; o ritmo dos tamancos no chão é a nossa caminhada para descoberta de si; a troca dos pares são as nossas vivências durante nossas encruzilhadas; a música são os causos que ouvimos daquelas (e) que passaram por nós; a mestra é a nossa referência ancestral que nos guia e nos mostra os caminhos. A nossa ancestralidade é a junção de todos estes elementos, é um estado de construção a cada encontro dos verdadeiros pares, o início de um novo ciclo e de outras vivências. Como pensa Edeise Gomes (2016): “Celebrar a Ancestralidade é experimentar a presença do antepassado constituindo a si mesmo, em todos os tempos em que estamos” (p. 98).

Hoje Dona Valda está com 73 anos e ainda nos proporciona muitas histórias sobre a sua vida. Porém, sua perspectiva é outra, ela entende da sua potencialidade, reconhece que suas histórias, que já rodou por alguns lugares

³ O Samba de Pareia, segundo relatos, surgiu há mais de 300 anos entre os escravos que trabalhavam nos canaviais, como uma forma de ocupar o pouco tempo de descanso que tinham ao longo da jornada diária de trabalho. O nome viria do fato de ser dançado em pares. Sua história está associada ao ciclo reprodutivo humano, mais especificamente, ao nascimento das crianças da comunidade. Assim que uma criança nasce na comunidade, a família encomenda uma dança e comemoram com tradicionais comidas e muitas bebidas, tendo como destaque a meladinha de arruda feita com cachaça, mel e arruda. (Sonora Brasil, 2017/2018)



deste Brasil, são relevantes para quem anseia conhecê-la. Proporcionar esta compressão para Dona Valda continua sendo interessante porque, diante dos estudos e da continuação da busca de pensamentos sobre ancestralidade fora da linearidade de único tempo, percebo, ainda mais, que somos formadas e fortalecidas por ela em todos os instantes de nossas encruzilhadas, como comenta Teresa Manjate no livro “Mulher Negra e Ancestralidade” (2023):

“A Avó sempre Com letra maiúscula, inscreve a força institucional que lhe é inerente. É ela que aparece como guardiã da ordem e da ligação de dois universos: o material, dos vivos, e o imaterial, onde habitam os mortos, os espíritos protetores da família; ela apazigua os espíritos dos ancestrais, louvando-os e pedindo proteção para os vivos. Simultaneamente, transmite um legado para os presentes que observam, esperando que, no futuro, possam realizar os mesmos rituais com sabedoria e precisão – em um processo de entrega de instrumentos que visa garantir a continuidade. (p.21)”

Com esta citação da Teresa me faz recordar uma reflexão da Leda acerca da morte:

“Mesmo na morte, na dinâmica das transformações, incide o gesto profético do devir como reminiscência da metamorfose necessária para a urgência, emergência e continuidade da vida e do hálito sagrado que em tudo perenemente habita e manifesta. Da morte nascem os ancestrais, cujos rituais de passagem asseguram sua transcendência e presença. O ancestral é o acúmulo de conhecimento que abrange toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza, da qual faz parte e na qual se nutre” (MARTINS, Leda, p. 205)

A morte não é o fim da ancestralidade. Com isso carregar nossos legados ancestrais, em tempo presente, é potencializar as nossas mais velhas para que, dessa maneira, possamos passar os ensinamentos para nossas mais novas. Por isso, não permitirei que essa gira ancestral deixe de girar mesmo quando minha vó neste plano terrestre não estiver mais.

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



Foto 2: Dona Valda e Mariana, Brumado-BA, 2023.

REFERÊNCIAS

GOUVEA, Alexandra; BRITTO, Clovis **O corpo negro**: Nadir da Mussuca, cenas e cenários

de uma mulher quilombola. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

FERREIRA, M. C. P. **TENEBA RAIZ**. 1. ed. São Paulo: Urutau, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

IBDEM. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**/ Leda Maria Martins. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cogobó, 2021.

Mulher negra e ancestralidade / organização Josildeth Gomes Consorte, Marise de Santana – .1ed. – São Paulo: Selo Negro, 2023

Minidocumentário **Dona valda que não para quieta**, 2021. Acessado em: 29/10/2023. Disponível em: https://youtu.be/S52_Ta3faik?si=eHfU7-SHQIU6d75f